



Análise da tendência patrimonial

Rodrigo Antônio Chaves da Silva

A riqueza sempre foi um meio imprescindível para a satisfação das necessidades humanas. Observar a riqueza organizada de forma a verificar o seu estado e promover a sua continuidade sempre foi um critério de indagação e aspiração do ser humano, mesmo nas épocas mais primitivas, visto que dela dependia para a sua sobrevivência. A riqueza, como um conjunto ou complexo de bens, tende sempre a perdurar, contudo poderão existir diversas situações que venham a destruir a capacidade de sobrevivência da célula social. Os estágios atuais da sociedade, dos mercados e demais níveis ambientais exigem do contador a qualidade intelectual de não simplesmente informar o que acontece com a riqueza, mas também, por meio de métodos científicos, utilizar as informações passadas para prever o estado futuro da riqueza, permitindo assim a sobrevivência da célula social. A análise da tendência do patrimônio se demonstra inovadora, relevante e profícua, nos tempos atuais, para a observação substancial dos empreendimentos, de maneira a prever os riscos que afetam a sua continuidade ou sua existência no organismo econômico e social.

O homem antigamente, em seu processo de evolução, sempre utilizou e estudou a riqueza, com a prudente finalidade de tentar prever os acontecimentos futuros, muitos desses decisivos para a sua própria existência, pois, sem a riqueza ou os bens, o homem não conseguiria sobreviver e nem evoluir. Por isso, organizava-se a riqueza, principalmente com o escopo de preveni-la dos riscos futuros, que também ameaçavam a vida do homem, porque a existência da riqueza constituía o próprio sinônimo da existência humana.

Nesse sentido de prudência, o homem organizava os seus bens, nas pequenas células sociais, ou seja, nas famílias, que segundo Rousseau (1712-1778), em sua obra *Do Contrato Social*, senam a base e o início da sociedade (de acordo com esse autor, todo o esboço social e estatal era reflexo da família). Segundo Vincenzo Masi apud Sá (1997), seria nessa pequena organização denominada fa-

mília que, de forma ostensiva, a Contabilidade teria surgido.

Com o crescimento da população, os patrimônios se tornaram coletivos, a civilização finalmente surgiu, então passaram a existir diversos patrimônios, todos eles utilizados para a prevenção de transtornos futuros que pudessem ameaçar a existência humana.

Foi, então, no pensamento de 'guardar' os bens para o futuro, que surgiu o patrimônio, conforme relata Viana (1971); portanto, o estudo do futuro sempre existiu na história humana, como também na história da Contabilidade (embora os tratamentos dessa temática fossem diferentes e específicos, conforme as épocas).

Diversas foram as formas de estudar o futuro, muitas delas interessantes, mas poucas realmente científicas; contudo, todas tinham o fito eloqüente de buscar a verdade e, com esse desejo, muitas conseguiram a aspiração epistemológica almejada, sendo essas, hoje, integrantes do arcabouço régio teórico da Contabilidade.

É preciso ressaltar que não basta simplesmente estudar o passado da riqueza, é preciso também prever o seu futuro de forma lógica e conveniente, observando todo o universo patrimonial (holismo), a fim de vaticinar os riscos que ameaçam a continuidade dos empreendimentos. Esse será o objetivo deste artigo: explicitar, de maneira coerente, os métodos sobre a análise da tendência patrimonial, a fim de fornecer ao leitor alguns caminhos, para verificar, assegurar e promover a continuidade dos patrimônios das células sociais.

O estudo da tendência patrimonial nas épocas antigas e empirismo contábil

Como já nos referimos, estudar o futuro da riqueza sempre foi motivo de indagação ao ser humano, que antigamente necessitava sobreviver e hoje, mais do que nunca, precisa evoluir e prosperar socialmente (sabemos que a história

da raça humana deriva de centenas de milhares de anos, mas os pensamentos sobre a riqueza já eram expressos em símbolos rupestres, na Idade da Pedra, há aproximadamente 30.000 anos).

Embora o homem sempre tenha estudado a tendência patrimonial (mesmo que baseado no senso comum e pragmático), fortes traços de estudos dos destinos dos empreendimentos foram comprovados há mais de 3.000 anos, na Idade dos Metais, pelo historiador Frederico Melis, conforme relata Sá (2001): *A previsão sempre preocupou a dirigentes e os contadores foram sempre os encarregados de fazê-las e sobre isto podemos encontrar provas nas civilizações mais antigas... O emérito e saudoso professor da Universidade de Florença, Frederico Melis, em sua monumental obra sobre a História da Contabilidade, apresenta-nos um exemplo de registros de previsões gravados há mais de 3.000 anos, no tempo de Ramsés III e que ainda se encontram inscritas nas paredes do templo mortuário de Madinat-Habu. Trata-se da prospecção de rendas feitas sobre a produção agrícola de grãos para a fabricação de pães e de cerveja.*

A tendência, como exame, sempre existiu, no entanto o tratamento cognitivo para essa temática era diferente com relação às épocas, pois, nas fases antigas, apesar do nível cultural do ser humano, a fomentação empírica esboçava as diversas ilações sobre os riscos do futuro da continuidade do empreendimento.

Havia o uso de previsões para o futuro, sem, contudo, existir, em concomitância, métodos racionais que pudessem prever adequadamente, com absoluta confiança, os destinos dos empreendimentos. Vaticinava-se, mas a forma de realizar os prognósticos necessitava de reparos absolutamente lógicos, que, obviamente, viriam com o tempo e amadurecimento do pensamento humano.

Organizava-se a riqueza para o futuro, mas não se conheciam 'os porquês' racionais dos fenômenos potenciais e também se desconhecia 'como' poderia se fazer para obter o conhecimento ne-

cessário e seguro dos estudos prospectivos que não dariam prejuízo ao processo de salvaguarda da existência humana e patrimonial.

A Ciência Contábil no estudo da tendência patrimonial

Na Idade Média, grandes progressos existiram, principalmente na literatura contábil, que expressava o pensamento da Contabilidade, dando motivos de efêmeras indagações ao estudo da tendência patrimonial (logicamente, a preocupação maior dos escritores da Idade Média era explicitar as formas e métodos de escrituração por partida dobrada ou 'partida doppia', como era a expressão italiana desses registros, que, na época, eram inovações no campo contábil, na área comercial).

Não foi à toa que o Frei Ângelo Pietra, no século XVI, em sua obra *Indirizzo Degli Economi*, comparava balanços e situações estáticas, com o intuito embutido de averiguar, não somente os estados passados, mas também os estados vindouros do comportamento patrimonial de seu mosteiro (esse autor observava meticulosamente o estado funcional, de forma a perquirir a sua continuidade, com certeza porque conhecia as regras contábeis que explicavam a 'vida' azidental produzida pela riqueza).

A partir de então, os progressos na ciência contábil existiram principalmente no tocante ao futuro dos empreendimentos (embora os mesmos só fossem ostensivos depois do tratamento científico iniciado no século XIX), não só devido aos esforços de Pietra, mas também aos labores de grandes intelectuais do conhecimento científico.

Os ramos do conhecimento passaram a se formar, estruturando diversos estudos concernentes aos objetos específicos, surgindo assim grandes líderes intelectuais. Já não existia um tipo de conhecimento que misturava todos, contudo morosamente os ramos do saber passaram a se estruturar ganhando vulto e dignidade científica.

Se lembrarmos Descartes, Kepler, Spencer, Locke, Bacon, Kant, Rousseau, Newton, Darwin, Babbage, Voltaire, Pascal, Lavoisier, Einstein, Kuhn, Bachelard e muitos outros, podemos verificar quão grande foi o critério de qualidade racional, científico-filosófica, que esses autores dariam ao conhecimento científico (seja ele racional ou derivado da experiência) numa visão totalmente sublime e, até mesmo, divina.

O século XVIII, conhecido como o 'Século das Luzes', despertaria do 'sono' diversos estudiosos e várias ciências, em especial a Contabilidade, que estaria acordando de seu estado hibernico cognitivo em que, sonolenta ainda, estava a sonhar com os processos de registro e informação, coberta com as mantas do empírico e do pragmático.

Basta lembrar os esforços que o francês Degranges e o italiano Crpa *opud* Sá (1997), no século XVIII, deram à Contabilidade, em especial ao tratamento de contas, que são partes formais de nosso conhecimento; mas a busca inconsciente desses estudiosos estava naquilo que as informações representavam, e seus esforços foram incipientes para novas buscas do saber.

Todos esses esforços dariam novos ares ao tratamento do conhecimento contábil, na hierarquia científica que se iniciaria no século XIX, com a obra do francês Coffy (1836), que explicava o comportamento do capital, de forma extraordinária, com um respaldo refinado e apurado, a ponto de ser premiado pela Academia de Ciências da França, da qual fazia parte.

A partir daí, os tratamentos dados à Contabilidade seriam realmente científicos, com método e busca filosófica, fazendo progredir os estudos do porvir ou da tendência patrimonial. A ciência exige isso, universalidade de aplicação e holisticidade de observação, abrangendo toda e qualquer dimensão existente até mesmo nas dimensões menos seguras, no que diz respeito ao espaço temporal do futuro.

Ações do espírito nas previsões do futuro

Entre as devidas formas de estudar o futuro, existe inequivocadamente uma ação do espírito, em um processo mental, muitas vezes entre o inconsciente e o consciente, de forma a produzir fenômenos que conseguem vacinar sobre o destino das coisas em geral. Muitos desses fenômenos não são totalmente compreensíveis, fugindo à tangência racional de nossa capacidade humana.

Tais fenômenos não são recentes porque há tempos se percebem esses efeitos, que são concernentes inclusive com fatos futuros. A forma como o espírito interage com o consciente, subconsciente, acabou por ser motivo de estudos de cientistas, como Freud (1856-1939), que, de certa forma, desvendou importantes aspectos da influência do inconsciente no comportamento consciente do ser humano. Essa interação entre o espírito e o corpo é preconizada por Sá (2005): *É possível evitar males quando as prenúncias deles são evidentes. Existem mentes que conseguem laborar projeções a partir do conhecimento de alguns fatos ou mesmo até de observação que se aninhou diretamente no inconsciente. Não nego que possa haver uma ação prevalente do espírito, nesses casos, mas, aquilo que é falado, escrito, anunciado, pode provir de uma passagem pelo inconsciente.*

Tais fenômenos sempre existirão na história humana, sempre se tomarão alvo dos estudos contábeis e até de 'ateísmo' científico quando, com aquilo que se dispõe de métodos racionais, não se consegue explicar corretamente o que acontece nesse processo.

Quem lê, por exemplo, a obra de Descartes (1596-1650), intitulada 'Discurso do Método', percebe facilmente que o pai do racionalismo moderno abordou, com proeminência, as 'inspirações' de seu espírito, e essas foram absolutamente importantes na descoberta revolucionária do *cogito* (eu pensante).

Existe um povo nativo do Havaí, denominado Kahunas, que produzia fenômenos que ultrapassavam muitas vezes a capacidade de explicação racional, fenômenos inclusive relacionados com o futuro, conforme os relatos de cientistas e pesquisadores, dentre eles Silva (1970).

Quem estuda a obra 'As forças físicas da mente', percebe a veemência com que seu autor, Quevedo (1968), explicita sobre a telecinesia, ectoplasmias, ou até mesmo certas premonições ou fenômenos ligados à previsão do futuro, comprovando cientificamente a existência de tais fenômenos, com larga e invejável documentação e bibliografia (esses fenômenos foram estudados anteriormente no mundo europeu e nos Estados Unidos, onde pensadores diversos testaram e comprovaram sua existência).

Contudo, apesar desses inúmeros exemplos de observação do futuro, relacionados com a influência do espírito, ou também emissões do inconsciente, o cientista contábil deverá se basear em métodos racionais e lógicos para o estudo do porvir patrimonial.

A ciência, enquanto puder explicar, persistirá nesse intuito, sendo que a lógica deverá sempre ser a base de nossos estudos e argumentos para emitir conclusões prospectivas dos fenômenos patrimoniais e, de uma forma secundária, devemos nos basear em outras posições (como as paranormais e também supersticiosas).

O cientista se baseia no estudo racional, e as outras formas de conseguir entendimentos devem ser observadas com absoluta cautela. Aquilo que pode ser fantasioso ou supersticioso deverá ser extirpado da mente do pensador, tal é o critério e aconselhamento emitido por Rubens Alves (1994): *A ciência não acredita em magia... A crença na magia... nasce da visão de um universo no qual os desejos e as emoções podem alterar os fatos... Isto parece nos levar à conclusão de que o pensamento mágico e o pensamento científico moram em mundos muito distantes.*

O cientista se baseia no estudo racional, e as outras formas de conseguir entendimentos devem ser observadas com absoluta cautela.

Os fenômenos paranormais, provocados pela telergia, emitidos pela psicortagia (objeto de estudos da parapsicologia), não são temas de estudos contábeis, pois têm pouca influência no capital das empresas e patrimônio das entidades. Mas, se esses acontecimentos produzissem uma relação direta na riqueza organizada, seriam, sim, estudados (não o seriam os fenômenos mentais em si, mas as essências patrimoniais que eles produziram, como origem da mesma). Cabe à parapsicologia estudar esses fenômenos do espírito que realmente existem e produzem efeitos fantásticos.

Deixemos as causas sobrenaturais que ocorrem com o ser humano na tendência dos destinos das coisas, dos acontecimentos, como tema de estudos de outras ciências, como a Teologia, e vamos nos curvar aos efeitos extraordinários das inspirações, entanações e apelos inefáveis do espírito. Observemos, como telespectadores, esse maravilhoso espetáculo, sem saber explicá-lo corretamente. Portanto, realizemos também a nossa parte, utilizando a lógica para os nossos argumentos sobre os destinos dos empreendimentos.

Método científico no estudo da riqueza

A forma de observar o futuro da riqueza, adotada pela Contabilidade, é

aquela que utiliza a lógica para seus argumentos. Portanto, os métodos usados pela Contabilidade são aqueles racionais, que buscam conclusões em bases nitidamente confiáveis e de clara verificação. Isso porque nosso conhecimento não é empírico, e sim, científico.

O método analítico (que busca o conhecimento do todo por partes), o indutivo (que expressa conclusões gerais a partir das observações de aspectos particulares), o indutivo axiômático (que busca a verdade magna a partir das observações particulares), o fenomenológico (que busca a essência sobre a forma) são métodos básicos utilizados na análise da tendência patrimonial.

Tudo é avaliado com bases lógicas e racionais, com exequibilidade universal, de forma que a análise poderá ser utilizada em qualquer tipo de empreendimento. Hoje, mais do que nunca, o contador deverá perquirir sobre o futuro da riqueza de forma comum, freqüente e científica, para que as células sociais possam obter a continuidade e prosperidade necessárias.

Hipóteses científicas nas conclusões dos destinos dos empreendimentos

Como requisito científico, a Contabilidade possui também hipóteses conforme já dizia Sá (1994): "Exige-se, para uma ciência que... Possua, observações, conceitos... hipóteses... tudo sistematizadamente... A ciência precisa preencher todas essas condições... A contabilidade preenche todas as condições exigíveis".

Quando, por meio da prospecção, se estuda o futuro da riqueza, as conclusões se tornam hipotéticas, ou seja, tudo que se conclui sobre o destino dos empreendimentos possui incerteza na completa ação do acontecimento. Difícilmente existirá, no estudo da tendência, conclusões totalmente seguras não pelo modo com que se produz a conclusão, mas pelo que se vai concluir, que é alvo das variações do ambiente, que são por demais imprevisíveis.

No entanto, as hipóteses utilizadas pela Contabilidade são confiáveis e podem empertigar o comportamento da riqueza de modo a permitir a sua continuidade, ou seja, a ameaça que atinge a riqueza pode ser evitada com o uso das hipóteses, que são produzidas com o intuito de vaticinar o futuro do patrimônio.

Na Contabilidade a formulação de hipóteses é lastreada na 'razão', que capta os componentes do patrimônio, buscando sua relação, sua interligação com o tempo, no comportamento assimétrico ou simétrico passado, de modo que se possa definir seguramente o comportamento futuro. A forma de produzir as hipóteses na Contabilidade nunca permitirá a sua exclusão no rol tecnológico da análise, a não ser que ela caminhe no esdrúxulo da estrada epistemologicamente exigida e tratada.

Para salvar o patrimônio, permitir sua continuidade, pode-se inofensivamente produzir hipóteses que devem ser formuladas com lógica, pela análise de seu comportamento passado. Lembremos, pois, de que primeiramente foi com uma hipótese, logo depois verificada por experimentação científica, que Le Verrier *apud* Aranha e Martins (1996) percebeu a existência de um novo planeta no sistema solar, denominado Netuno.

Aceitemos, portanto, essa realidade hipotética na Contabilidade e, apropriando-nos dela, pela consultoria, poderemos, com veemência, garantir a eficácia e a prosperidade da riqueza, assim como a continuidade do funcionamento do capital das empresas e do patrimônio das entidades.

O método lopesista

A maneira de obter as conclusões futuras dos patrimônios da célula social são diversas, amoldando-se aos pensamentos de cada cientista. Cada pensador possui uma forma de observar o futuro dos empreendimentos, e tal forma é aceitável, desde que siga os caminhos do método científico na observação holística do objeto.

O método para o estudo da tendência patrimonial, que explicitaremos neste artigo, será o de Sá (1981), que pode ser utilizado em qualquer tipo de empreendimento. Tal método se baseia na variação das relações dos componentes patrimoniais; chamamos tal método de tendência patrimonial por diferença de variáveis, que se retrata pela fórmula:

$$Dv = \frac{(U^t - P^t) \times 100}{P^t} = Tp$$

A diferença que temos entre duas variáveis obtidas de 'razões' do patrimônio ($U^t - P^t$) vezes 100, dividida pela primeira variável (P^t) e pelo tempo específico (n), trará o percentual de variação da tendência patrimonial (Tp); essa é a explicação da fórmula.

É preciso ressaltar que tal fórmula produz um percentual específico que será aplicado na última variável do patrimônio, mas o resultado, repito, é hipotético (pode ou não acontecer); contudo, não se exclui a importância de tal conclusão, ainda mais sendo essa decisiva na situação de continuidade do patrimônio. Suponhamos que uma riqueza organizada apresente as seguintes 'razões' de seus componentes com relação à liquidez geral (Ativo circulante e realizável a longo prazo; Passivo circulante e exigível a longo prazo), em um certo período (Veja Anexo 1).

Em primeiro lugar, deve-se verificar a diferença de duas variáveis, a primeira (do ano de 2001) e a última (do ano de 2005), e multiplicar essa diferença por 100, para logo após dividir o resultado pela primeira variável:

$$\frac{(1,76 - 1,67) \times 100}{1,67} = 5,39$$

Tal resultado deverá ser dividido pelo tempo estudado, que, nesse caso, é de 5 anos:

$$\frac{5,39}{5} = 1,08\%$$

O resultado será o percentual que deverá ser multiplicado e somado ao último quociente:

$$Tp = 1,76 + 0,02 = 1,78$$

A tendência da liquidez geral é de evolução, ou seja, de \$ 1,76; a liquidez geral crescerá \$ 0,02, tornando-se igual a \$ 1,78.

Note-se que a fórmula apresenta crescimento, mas poderá expor também redução dependendo dos valores dos quocientes obtidos das informações contábeis.

É preciso deixar claro que o resultado constitui uma hipótese, mas essa poderá defender o patrimônio dos riscos eminentes (no exemplo dado anteriormente, o patrimônio apresentou oscilações pequenas nos quocientes; portanto, o analista poderá aconselhar, ao empresário, uma política financeira firme para o progresso da liquidez geral, cuja tendência foi de crescimento efêmero).

Análise da tendência patrimonial

Em um exame da tendência patrimonial, o analista deverá observar basicamente os seguintes exercícios patrimoniais, que são imprescindíveis para a continuidade do empreendimento:

- Liquidez
- Resultabilidade
- Estabilidade
- Economicidade.

Basicamente no estudo do funcionamento do capital, o contador deverá observar a capacidade de pagamento (liquidez), de geração de resultados (resultabilidade), de equilíbrio (estabilidade), para finalmente verificar a capacidade de vitalidade (economicidade); por isso, na tendência patrimonial, estuda-se:

- O futuro da liquidez
- O futuro da resultabilidade
- O futuro do equilíbrio da estrutura
- A continuidade do empreendimento.

Suponhamos que uma azienda denote os seguintes quocientes de liquidez comum (Ativo circulante: Passivo circulante), resultabilidade nominal (Receita Total: Custo Total), Imobilização do Capital Próprio (Imobilizado: Capital Próprio), em certo período (veja nos Anexos 2, 3 e 4).

Partindo-se desse pressuposto, deve-se procurar a tendência patrimonial de tais relações, a fim de verificar basicamente os sistemas principais do patrimônio, para assim analisar o futuro do negócio, sua continuidade e o risco que atinge a sua existência. A tendência será obtida pela fórmula proposta por Sá (1981). Assim, vejamos o futuro da liquidez:

$$Dv = \frac{(1,76 - 1,00) \times 100}{1,00} = 15,20\%$$

Aplica-se esse percentual ao último quociente:

$$Tp = 1,76 \times 15,20\% = 0,27$$

$$Tp = 1,76 + 0,27 = 2,03$$

A tendência da liquidez comum será de evolução, ou seja, de \$ 1,76 ela crescerá \$ 0,27, tomando-se igual a \$ 2,03.

Também observaremos a tendência do rédito nominal:

$$Dv = \frac{(1,20 - 0,86) \times 100}{0,86} = 7,91\%$$

Aplica-se o percentual ao último quociente:

$$Tp = 1,20 \times 7,91\% = 0,09$$

$$Tp = 1,20 + 0,09 = 1,29$$

A tendência do rédito nominal será de evolução, ou seja, de \$ 1,20 ela crescerá \$ 0,09, tomando-se igual a \$ 1,29.

E também observa-se a tendência da imobilização do capital próprio:

$Dv = (1,50 - 0,80) \times 100 = 17,50\%$
0,80
5

Aplica-se o percentual ao último quociente:

$$Tp = 1,50 \times 17,50\% = 0,26$$

$$Tp = 1,50 + 0,26 = 1,76$$

A tendência da imobilização do capital próprio será de evolução, ou seja, de \$ 1,50 ela crescerá \$ 0,26, tornando-se igual a \$ 1,76.

Após essa análise, deve-se efetuar um resumo de todo o produto dos estudos (pode-se fazer uma tabela conforme Anexo 5), de forma a destacar os pontos mais importantes e preocupantes para o futuro do negócio e, se esse estiver ameaçado, a análise deverá fornecer meios para empertigar o comportamento do patrimônio.

De todos os resultados dos quocientes de tendência patrimonial, da fórmula por diferença de variáveis, a tendência da imobilização do capital próprio é a que mais apresenta motivações para aconselhamento na tomada de decisão. Esse quociente estrutural apresenta um resultado preocupante, uma vez que mostra que o capital próprio está totalmente paralisado pelo imobilizado. O futuro da imobilização do capital próprio poderá ameaçar a eficácia patrimonial.

No ano de 2007, haverá a eficácia da liquidez comum e do rédito nominal, em contrapartida a uma paralisação do capital próprio, que é por demais duvidosa no intuito de eficácia, porque tal paralisação poderá seguramente afetar, de forma contundente, a liquidez e a resultabilidade da azienda.

Além do crescimento do quociente, é preciso, antecipadamente, verificar qual seria o percentual que produz os quocientes futuros; a investigação da análise deverá ser, portanto, holística (veja os percentuais de crescimento no Anexo 6). O maior crescimento percentual, por incrível que pareça, foi o de imobilização

do capital próprio, comparado com os outros indicadores.

Nessa consulta específica, o destino da imobilização do capital próprio é negativo para a empresa; esse mesmo quociente revela que foi investido mais capital fixo do que a capacidade genuína de recursos do proprietário. Tal resultado deixa em dúvida os 'crescimentos' da liquidez e da resultabilidade.

A liquidez, apesar de ter aumentado, pode não demonstrar a realidade quando, no processo de giros, existem 'paralisações' que afetam o fluir circulatório. Lembra-se de que tal resultado de liquidez foi o estático, e não o dinâmico, todavia o quociente estático não deixa de ser importante para as conclusões analíticas.

A capacidade lucrativa foi a que menos cresceu, mostrando o reflexo negativo de 'paralisações' do giro, fato ligado intimamente à paralisação do capital próprio. Os investimentos em imobilizado podem mostrar uma evolução na produção, mas também podem afetar os giros que promovem a vitalidade na liquidez e na resultabilidade.

A liquidez, mesmo sendo eficaz na 'aparência', pode apresentar elementos 'imobilizados' que provocam malefícios à circulação, gerando prejuízos à dinâmica patrimonial, o que pode ocorrer quando a liquidez estática é alta (embora nem sempre isso aconteça, a liquidez estática, por si só, pouco transmite de conclusão para a eficácia financeira do capital).

A liquidez, mesmo sendo eficaz na 'aparência', pode apresentar elementos 'imobilizados' que provocam malefícios à circulação, gerando prejuízos à dinâmica patrimonial.

Apesar de a empresa estudada não possuir tendência direta ao fracasso, ela apresenta indícios de uma deficiência na dinâmica patrimonial quando essa foi paralisada pelos excessos em imobilizados e paralisações financeiras.

A empresa pode estar com a eficácia da liquidez e resultabilidade, mas o que preocupa é a tendência do aumento da paralisação do capital próprio, fator que prejudica a dinâmica da riqueza. Vemos que a tendência mais acentuada é a imobilização do capital próprio; tal situação não é das melhores quando essa, por ser um investimento excessivo, danifica os giros que propiciam vitalidade à liquidez e à resultabilidade, promovendo, assim, desequilíbrio na estrutura do patrimônio, transmitindo a ineficácia da estabilidade.

No caso específico que estamos estudando, diversas são as recomendações que devem ser observadas pela empresa, como descritas a seguir:

- Promoção de vendas, por meio de publicidades.
- Revisão dos preços de vendas.
- Controle da produção.
- Eliminação dos bens supérfluos.
- Alongamento dos prazos com fornecedores.
- Aplicação de novas quantias no capital social.
- Interrupção de compras de mais imobilizados.

Como a paralisação do capital é o quociente que tenderá a um crescimento muito maior do que a liquidez e resultabilidade, as orientações deverão ser feitas com o intuito de controlar melhor a produção, aumentar o montante de capital próprio, incrementar as margens lucrativas das vendas, de forma que a paralisação não prejudique a solvência, resultabilidade e estrutura da azienda. A intenção é que os indícios de estática não afetem negativamente, com anomalias de proporção, a dinâmica da empresa.

No entanto, nesse caso específico, torna-se preciso também verificar a tendência dos giros de valores dos meios

circulantes em confronto com as necessidades circulantes, a operacionalidade do capital próprio, o rédito efetivo, a operacionalidade do capital fixo, para definir conclusões mais seguras, baseadas na holística de observação. Mas, como fornecemos os caminhos necessários para analisar a tendência de todo e qualquer fenômeno ou elemento da riqueza, o leitor poderá utilizar essa análise, com maior abrangência, para os casos específicos que encontrar.

A análise da tendência patrimonial não se resume simplesmente aos quocientes denotados anteriormente; além desses quocientes, pode-se também investigar o futuro dos fenômenos de investimentos, financiamentos, entradas e saídas financeiras, provisões, custos, receitas e róditos, que poderão ser prognosticados. Os resultados dos quocientes da tendência patrimonial, por diferenças de variáveis, poderão também ser cotejados entre si, para verificar qual é a verdadeira substância do patrimônio. O analista não deve simplesmente avaliar a aparência da riqueza, mas, sim, o seu efeito de velocidade e transformação.

A grande importância da análise da tendência patrimonial está na explicação dos estados futuros, de modo a definir comportamentos e decisões para prevenir riscos e promover a continuidade do empreendimento, podendo fazer com que a riqueza da célula social possa garantir mais benefício ao ser humano, seu agente criador.

Conclusão

A ciência contábil, por meio de método e tecnologia, permite estudar não somente o estado passado do patrimônio das células sociais, expressados nas informações contábeis, mas também seu futuro ou sua tendência, que transmitem influências na sua continuidade.

Muito profícuo e importante é verificar o futuro da riqueza, de modo a perquirir sua eficácia sistemática funcional, definindo seus estados e aconselhando as decisões gerenciais para diversos mo-

delos de comportamentos dinâmicos ideais e específicos.

A análise da tendência patrimonial, com imenso proveito, pode prever os riscos e acontecimentos futuros, de maneira a verificar, comprovar e orientar as ações de salvaguarda, para a continuidade e prosperidade do ente patrimonial, que transmite benefícios ao ser humano e à sociedade em geral.



Rodrigo Antônio Chaves de Silva
— Acadêmico do 6º período da Faculdade de Ciências Contábeis de Curitiba (FACICOR), Membro da ACRB, Associação Científica Internacional Neopatrimonialista

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rúbens. *Filosofia de Ciência: Introdução ao jogo e suas regras*. 2ª ed. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1994.
- BRANHA, Maria Luiza de Arcaia; MATHIAS, Maria Helena Feres. *Filosofando: introdução à Filosofia*. 2. ed. São Paulo: Editora Moderna Ltda., 1996.
- DESCARTES, René. *Discurso do Método*. Tradução de João Cruz Costa. Rio de Janeiro: Tecnoprint Gráfica, 1960. (Texto do original: *Discours de la Méthode*)
- QUINTEDO, Isca G. *As forças Flúicas da Mente*. Tomo I. São Paulo: Ed. Livros, 1968.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *De controle social*. Disponível em <http://www.companhia.com.br/Pequena%20redade%20192005>
- SÁ, Antônio Lopes de. *Introdução à Análise dos Balanços*. Rio de Janeiro: Ed. Tecnoprint, 1981.
- _____. *Autonomia e qualidade científica da Contabilidade*. Publicação da CECMG, 1994.
- _____. *História Geral e das Doutrinas da Contabilidade*. São Paulo: Ed. Atlas, 1997.
- _____. *Intensidade funcional eficaz da riqueza e análise contábil sobre a continuidade do empreendimento*. *Revista Brasileira de Contabilidade*, Ano XXI, nº. 130, CFC, ed. 7 ago. 2001.
- _____. *Moderna Análise de Balanços ao Alcance de Todos*. Curitiba: Ed. Junji, 2005.
- SILVA, Gastão Pereira da. *Parapsicologia e Psicanálise*. Enciclopédia de Psicologia e Psicanálise, 2. ed. Belo Horizonte: Ed. Betas, 1970.
- VIANA, Cibélia de Rodas. *Teoria Geral da Contabilidade*. Volume I, 5. ed., Porto Alegre: Livraria Sônia Editora, 1971.

ANEXO 1 – LIQUIDEZ GERAL

Anos	Quocientes
2001	1,67
2002	1,22
2003	1,34
2004	1,58
2005	1,78
2006	?

ANEXO 2 – LIQUIDEZ COMUM

Anos	Quocientes
2002	1,00
2003	1,01
2004	1,50
2005	1,62
2006	1,76
2007	?

ANEXO 3 – RESULTABILIDADE NOMINAL

Anos	Quocientes
2002	0,88
2003	0,90
2004	2,00
2005	1,60
2006	1,20
2007	?

ANEXO 4 – IMOBILIZAÇÃO DO CAPITAL PRÓPRIO

Anos	Quocientes
2002	0,80
2003	1,10
2004	1,00
2005	1,20
2006	1,50
2007	?

ANEXO 5 – TENDÊNCIA PATRIMONIAL

Estados Analisados	Quocientes Futuros
Liquidez Comum	2,03
Resultabilidade Nominal	3,29
Imobilização do Capital Próprio	1,76

ANEXO 6 – ESTADOS ANALISADOS E PERCENTUAIS ESPECÍFICOS DE TENDÊNCIA FUTURA

Liquidez Comum	15,20%
Resultabilidade Nominal	7,01%
Imobilização do Capital Próprio	17,50%